



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

ROSÉLIA DE ALMEIDA SOUZA DE MELO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E PERSPECTIVAS

JOÃO PESSOA – PB

2014

ROSÉLIA DE ALMEIDA SOUZA DE MELO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E PERSPECTIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Kátia Ramos Silva

JOÃO PESSOA –PB

2014

M528a Melo, Rosélia de Almeida Souza de.

Afetividade na educação infantil: limites e perspectivas / Rosélia de Almeida Souza de Melo. – João Pessoa: UFPB, 2014.
36f.

Orientador: Kátia Ramos Silva
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Afetividade. 2. Educação infantil. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.064.2 (043.2)

ROSÉLIA DE ALMEIDA SOUZA DE MELO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E PERSPECTIVAS


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

APROVADA EM: 26/12/2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Msc. Kátia Ramos Silva – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Prof^ª. Dr^ª. Ana Luisa Nogueira de Amorim
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Prof^ª. Msc. Nayara Tatianna Santos da Costa
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

JOÃO PESSOA – PB

2014

A Deus por sua imensa generosidade para comigo e me tem disponibilizado, pessoas sábias e compreensivas que me ajudam sempre em minhas jornadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me guiar e me dar forças para concluir esse trabalho em um período que pensei que não ia dar conta. Quantas vezes, diante das barreiras e da ansiedade pensei, em desistir, mas Ele estava sempre ali ao meu lado me dando forças para dar continuidade aos meus sonhos e os meus desejos. Mostrou que é possível superar as barreiras, muitas vezes criadas por nós mesmos, e alcançar nossos sonhos.

Também agradeço a minha irmã Rosinalva Almeida por estar sempre presente me ajudando, encorajado e motivando ao longo desta caminhada. Muito Obrigada!

Agradeço ao meu esposo Marcos Antônio por ter me apoiado em todos os momentos que precisei.

Meu eterno agradecimento à prof.^a Kátia Ramos que me orientou, por ter estendido as mãos na hora que mais precisei, por ser essa excelente educadora que me propiciou novos saberes, que me deu apoio incondicional, carinho, que teve compreensão, paciência e dentre outras virtudes.

RESUMO

O presente trabalho estuda a afetividade na educação infantil, identificando aspectos que podem contribuir de maneira positiva para uma educação prazerosa e de qualidade. A pesquisa discute a afetividade como processo de aprendizagem na educação infantil, buscando compreender a forma pela qual a afetividade atua nas relações entre professor e aluno, melhorando a aprendizagem das crianças. Além disso, a influência das emoções no desenvolvimento humano e reconhecer sua importância na educação infantil para a formação integral do indivíduo. Nessa perspectiva, procurei embasamento teórico para explicar os aspectos que fazem parte da afetividade infantil e sua contribuição para o desenvolvimento das crianças. Busquei aporte teóricos de Piaget, Wallon, Vygotsky por serem autores com grande colaboração nesse tema, além de outros teóricos com referências neste assunto. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, aplicado com professoras de educação infantil de uma creche municipal. A análise e discussão dos dados construídos mostraram a importância da afetividade na prática pedagógica desses professores, observando-se ainda que os professores conhecem os teóricos sobre essas temáticas e expressam perspectivas de aperfeiçoamento das suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Aprendizagem. Relação professor/criança. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This paper proposes to study the affection in early childhood education , identifying aspects that can contribute positively to a pleasant and quality education . The research discusses the affection as a learning process in early childhood education in order to understand the way in which affectivity acts in relations between teacher and student , improving children's learning . In addition, understanding the influence of emotions in human development and recognize its importance in early childhood education for the integral formation of the individual. In this perspective , I sought theoretical basis to explain the aspects that are part of children's affection and their contribution to the development of children. I sought theoretical contribution of Piaget , Wallon , Vygotsky to be authors with great collaboration on this issue , as well as other theoretical references to this subject. The research instrument used was the questionnaire with preschool teachers from a municipal nursery . The analysis and discussion of the data constructed showed the importance of affectivity in the pedagogical practice of these teachers , noting also that teachers know the theoretical about these issues and express possibilities for improvement of their teaching practices .

Keywords: Affection in Early Childhood Education, Learning, relation teacher / student and Teaching Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1.AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS	11
1.1 Um Breve histórico sobre a Educação Infantil.....	11
1.2 Alguns aspectos da história da Educação Infantil no Brasil.....	12
1.3 Afetividade em Discussão	15
1.4 A Afetividade como componente do processo educativo de qualidade	16
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A	27

INTRODUÇÃO

O professor influencia, de forma significativa, a vida de seus alunos, principalmente se trabalhar com a educação infantil. A criança, em geral, o vê como alguém que protege, ajuda, ensina, transmite segurança, enfim um exemplo a ser seguido. Assim, a afetividade no contexto pedagógico da educação infantil, se torna algo primordial. Ela é um dos elementos que colabora com o desenvolvimento do indivíduo.

Por meio do contato com o outro e da vida social, a criança estabelece vínculos afetivos e se desenvolve. A afetividade pode contribuir para se criar melhores condições de aprendizagem no ambiente escolar, tanto quanto para uma prática pedagógica de qualidade.

A adaptação ao ambiente escolar, principalmente para crianças pequenas é, muitas vezes, motivo de angústia e insegurança. Neste contexto, a compreensão do professor, acerca do papel da afetividade na educação infantil, pode refletir na aprendizagem e desenvolvimento da criança, no contexto da sala de aula.

Esta pesquisa tem como objetivo abordar o conceito de afetividade e analisar a sua relevância para a efetivação de uma educação infantil de qualidade. Os PCN's apresentam que, se as primeiras experiências escolares forem bem sucedidas, o aluno construirá uma representação positiva de si mesmo como alguém capaz de aprender (BRASIL, 1997). E, se de outra sorte, o aluno perderá o interesse e a motivação para aprender. Diante desta perspectiva, a afetividade é um dos principais fatores que irão nortear a prática educativa, como também possibilitar vivências enriquecedoras de aprendizagem (BRASIL, 1997).

Com base nisso, pretende-se responder algumas inquietações que serão norteadoras para a pesquisa, como: Qual é o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil? Como acontece a relação afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem na Educação Infantil?

O presente trabalho propõe estudar a importância da afetividade para educação infantil identificando aspectos que podem contribuir de maneira positiva para uma educação prazerosa e de qualidade. Especificamente, a presente pesquisa pretende discutir a afetividade como processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de educação infantil; Compreender a forma pela qual a afetividade atua nas relações

entre professor e as crianças, melhorando a aprendizagem das crianças. Compreender a influência das emoções no desenvolvimento humano e reconhecer sua importância na educação infantil para a formação integral do indivíduo

Nessa perspectiva, procuramos embasamento teórico para explicar os aspectos que fazem parte da afetividade infantil, a sua importância e como podem contribuir para o desenvolvimento das crianças. Busquei o referencial teórico de Piaget, Wallon, Vygotsky e Humberto Maturana por serem autores com grande colaboração nesse tema, além de outros teóricos com referências neste assunto.

O trabalho proposto apresenta-se estruturado em quatro momentos. No primeiro capítulo apresentamos uma abordagem teórica sobre a afetividade na educação infantil. No segundo capítulo são abordados os procedimentos metodológicos desenvolvidos na presente pesquisa. O terceiro capítulo, por sua vez, explicita as análises e discussões da pesquisa realizada. Por fim, tecemos as considerações finais.

Com isso, o tema aqui exposto torna-se relevante, uma vez que é preciso que os educadores revejam suas práticas em sala de aula. Faz-se necessário também, a reflexão e a compreensão acerca da importância da afetividade para uma Educação infantil de qualidade.

1. AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Um Breve histórico sobre a Educação Infantil

As funções das instituições que cuidavam de crianças foram evidenciadas após a Primeira Guerra Mundial, com o aumento do número de órfãos e a deterioração ambiental. Surgiu, nesta época, um maior interesse na educação infantil. Estudos demonstram que médicos começaram a utilizar de materiais por eles confeccionados para desenvolver atividades educativas como, por exemplo, a médica psiquiatra italiana Maria Montessori (1879-1952)

O nome da médica psiquiatra italiana Maria MONTESSORI (1879 – 1952) inclui-se também na lista dos principais construtores de propostas sistematizadas para a educação infantil no século XX. Tendo sido encarregada da seção de crianças com deficiência mental em uma clínica psiquiátrica de Roma, produziu uma metodologia de ensino com base nos estudos médicos de Itard e Ségun, que haviam proposto o uso de materiais apropriados como recursos materiais. (OLIVEIRA, 2002, p.74).

No século XX, a infância ganha novas concepções e preocupações com relação aos valores sociais produzidos no embate de problemas políticos e econômicos. Houve, nesta época, diversas e valiosas contribuições para a educação infantil como as de Vygotsky, Piaget, Freinet, entre outros. Salientamos que os professores da educação infantil da atualidade ainda se baseiam nas concepções destes autores.

Após a Segunda Guerra Mundial, surgiram novos estudos abordando a preocupação com a situação social da infância e a ideia da criança como portadora de direitos. Surgem também teorias que evidenciavam a necessidade da estimulação do desenvolvimento na criança desde o nascimento.

A expansão dos serviços de educação infantil na Europa e nos Estados Unidos foi sendo influenciada cada vez mais por teorias que apontavam o valor da estimulação precoce do desenvolvimento da criança já a partir do nascimento (OLIVEIRA, 2002, p.78).

Mas foi o desenvolvimento tecnológico e a inserção da mulher no mercado de trabalho que acarretaram maiores mudanças nas concepções sobre a criança e sua educação. A necessidade de buscar novas alternativas para cuidar das crianças, fez com que a atenção voltada para as mesmas fosse analisada de forma diferenciada.

Neste período, a criança passa a ser vista como sujeito social, ativa, participante na construção do saber. Esta visão provocou mudanças na prática pedagógica dos profissionais da área educacional que buscavam a partir daí uma formação especializada, como afirma Oliveira (2002).

Atualmente, na Europa, o principal eixo das discussões da área é a qualidade da educação infantil, englobando o desenvolvimento integral da criança, bem como o preparo para o ensino elementar.

1.2 Alguns aspectos da história da Educação Infantil no Brasil

A história da educação infantil no Brasil acontece como nos outros lugares do mundo, de acordo com o cenário político e econômico da época. Por isso, existem muitas semelhanças, porém particularidades.

No Brasil, até meados do século XIX, o atendimento a crianças de 0 a 6 anos em instituições como creches praticamente não existia, devido à estrutura familiar da época moldada tradicionalmente, onde o pai de família trabalhava em busca do sustento e a mãe cuidava dos filhos. Na época, a maioria da população se concentrava na área rural e uma pequena parcela nas cidades. Havia muitas crianças órfãs de escravos e índias (que geralmente eram frutos de abusos sexuais pelos homens brancos). Estas crianças eram adotadas pelas famílias dos grandes fazendeiros. Nas cidades as crianças abandonadas eram recolhidas pelas rodas expostas que eram orfanatos da época.

No final do século XIX, começa a serem discutidas no Brasil as concepções elaboradas na Europa sobre a educação infantil. A partir deste período foram criadas as primeiras instituições voltadas para o atendimento de crianças pobres. Posteriormente, surgiram os primeiros jardins-de-infância públicos voltados para as crianças mais ricas.

Após a Proclamação da República houve um investimento na educação, porém voltado para o ensino primário. Somente com o processo de urbanização brasileira e, conseqüentemente, com a industrialização surgiu a necessidade de atendimento as crianças.

Com a chegada das fábricas no setor urbano, houve uma mudança na estrutura da família tradicional brasileira: as mulheres saíram de casa para trabalhar nas indústrias, o que acarretou na busca de atendimento as crianças. Inicialmente, estas eram acolhidas por caridade pelas mulheres que não trabalhavam e se dispunham a

pajear as crianças de outras famílias ou no acolhimento de parentes. Posteriormente, a partir da organização de movimentos e sindicatos de operários (as) foi reivindicado inicialmente aos empresários e, posteriormente, ao governo instituições como creches e pré-escolas.

Devido à necessidade encontrada foram implantadas instituições voltadas para o atendimento de crianças, porém o caráter era puramente assistencial. Havia preocupação com a organização espacial e com a saúde da criança, e não um trabalho de cunho pedagógico, era um trabalho assistencial.

Após 1922, surgiram as primeiras regulamentações sobre o atendimento a criança e foi desencadeado um movimento de renovação pedagógica, conhecido como escolvinismo. Este discutia a educação pré-escolar, porém os estudos da época eram voltados para as crianças das camadas sociais mais favorecidas.

Somente na década de 1940, prosperaram iniciativas governamentais na área, porém o atendimento à criança era voltado à saúde e filantropia.

Com o interesse cada vez maior das mães de classe média e não somente das mães de classes populares por atendimento as crianças, concomitante às novas pesquisas realizadas na área sobre o desenvolvimento da criança, algumas instituições começaram a preocupar-se com o caráter pedagógico no atendimento às crianças.

Em meados dos anos 1970, houve debates sobre o caráter assistencialista e educativo das instituições como os parques e creches. Porém, outro fato importante é o de que estas instituições ainda exigiam baixos níveis de escolaridade de seus profissionais. Mas a mudança na mentalidade da população já estava suplantada, o atendimento às crianças já não era visto como assistência social e sim como dever do Estado e direito da família.

Lutas pela democratização da escola pública, somadas a pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais de lutas por creches, possibilitaram a conquista, na Constituição de 1998, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino (OLIVEIRA,2002, p.115).

Embora houvesse um maior esforço em busca de práticas pedagógicas nas instituições, os profissionais se deparavam com a falta de estrutura física e material para realizar as atividades com as crianças.

Um traço marcante das décadas de 1980 e 1990 para educação voltada às crianças foi o surgimento de programas de televisão infantis com programação

pedagógica. Na década de 90 houve grande evolução com relação à educação infantil, como por exemplo, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que assegura os direitos da criança incluindo o direito à educação. Surgem também novas ideias e concepções para educação infantil com a proposta de uma nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394 96). Esta estabeleceu a educação infantil como etapa inicial da educação básica, marco na história da educação infantil por incluir crianças de 0 a 6 anos no atendimento público obrigatório, dentre outras conquistas.

Em 1996, com a promulgação da Emenda Constitucional que cria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o Artigo 62 foi pioneiro ao estabelecer a necessidade de formação para o profissional da Educação Infantil. Segundo a lei, a formação do educador desse segmento deve ser “em nível superior, admitindo-se, como formação mínima, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal” (BRASIL, 1996). O texto reafirma, também, a responsabilidade constitucional dos municípios na oferta de Educação Infantil, contando com a assistência técnica e financeira da União e dos estados.

A Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da Educação Básica, integrando-se aos ensinos Fundamental e Médio. Só então a Educação Infantil ganhou uma dimensão mais ampla dentro do sistema educacional e a criança foi vista como alguém capaz de criar e estabelecer relações, um ser sócio histórico, produtor de cultura e inserido nela e que, portanto, não precisa apenas de cuidado.

Com o objetivo de oferecer parâmetros para a manutenção e a criação de novas instituições de Educação Infantil, o MEC publicou, em 1998, o documento Subsídios para credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil. No mesmo ano, visando à elaboração de currículos de Educação Infantil, cuja responsabilidade foi delegada pela LDB a cada instituição e seus professores, o Ministério editou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Um ano depois, em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esses documentos são, hoje, os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil do país.

A Educação Infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar. Cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e, educar, porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizados. Precisamos ter

consciência de que podemos preparar nossas crianças desde muito cedo para o exercício da cidadania. A Lei 9.131/95. Art. 3º [...] III esclarece:

As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas práticas de educação e cuidados que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivo cognitivo-linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

Certamente, não há como negar a grande evolução que a educação infantil passou no período compreendido entre meados do século XIX até os tempos atuais, mas este caminho repleto de lutas, dificuldades e conquistas ainda não chegaram ao fim. A busca pela valorização da área é constante e muitos pontos ainda devem ser discutidos por teóricos, profissionais e comunidade. A necessidade por atendimento às crianças só vem aumentando diante da estrutura capitalista atual e as instituições vêm experimentando diversas metodologias e formas de estimulação por meio de atividades lúdico-pedagógicas.

Atualmente, a maioria dos pais procura atendimento integral para as crianças. Esta realidade merece uma reflexão especial, pois na última década houve, em muitos casos, uma transferência da responsabilidade pela educação dos filhos para os profissionais da educação, que se sentem muitas vezes sobrecarregados e sem apoio para realizar seu trabalho. É essencial que as famílias acompanhem o desenvolvimento de suas crianças e participem juntamente com as escolas no processo educacional.

1.3 Afetividade em Discussão

A afetividade pode ser definida através de diferentes perspectivas, entre elas sob a perspectiva da filosofia, da psicologia e da pedagogia. Iremos neste trabalho abordar a afetividade na perspectiva da pedagogia, pois ao falarmos sobre afetividade temos que considerar as emoções, que são expressões da vida afetiva e que são acompanhadas de reações e sentimentos. Como conceito de afetividade, podemos citar o amor como referência, pois o amor é definido através dos sentimentos, e, assim, a afetividade torna-se a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar.

Existe uma grande divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos. Vejamos então o que dizem alguns autores que tentam realmente explicar a afetividade, já que é estudado em diferentes áreas do conhecimento. Para Henri Wallon (1954, p. 288), educador e médico francês:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existem uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente.

Segundo Ferreira, afetividade significa: “Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza” (1999, p. 62).

Baseando-se nesses conceitos, podemos dizer que a afetividade constitui um domínio funcional tão importante para a vida social e emocional de um indivíduo que mostra a revelação de carinho ou cuidado que pode se ter com alguém íntimo e querido, permitindo assim, ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser.

1.4 A Afetividade como componente do processo educativo de qualidade

Entendemos que a afetividade na Educação Infantil está presente no binômio educar/cuidar, da mesma forma como não há a indissociação entre aspectos afetivos e cognitivos, uma vez que “não é possível educar sem cuidar” (KRAMER, 2003, p. 76). Educar inclui necessariamente o cuidar. De acordo com o RECNEI (BRASIL, 1998, p. 75): “Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado.”

Para educar, é necessário que o educador crie condições significativas de aprendizagem, para alcançar o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, cognitivas e sócio-afetivas, sendo fundamental que a formação da criança seja vista como um ato em crescimento, sempre sujeito a novas inserções, a novos recuos, a novas tentativas.

De acordo com KRAMER (1998, p.7): “[...] a educação infantil não se restringe aos aspectos sanitários ou assistenciais, mas não se resume, tampouco, à mera antecipação da escolaridade nem à transmissão sequencial de informações.”

Os aspectos inerentes à educação infantil – saúde, afeto, segurança, interação, alimentação, estimulação, brincadeira, entre outros – devem integrar o cuidar/educar de

forma dinâmica. O afeto permeia todas as ações, demonstrando para a criança, através da própria ação, como estabelecer vínculos afetivos nas relações sociais.

A brincadeira precisa permear todas as ações como jogo simbólico, através do qual a criança compreende a si e ao outro, tendo todo seu corpo e alma interagindo de forma a construir a si, ao outro e ao meio. Portanto, para todos esses aspectos é possível estabelecer elos, interações, relações desde que a ação pedagógica esteja em permanente e total vigilância, fazendo do cuidar/educar presença constante na realidade dos espaços de educação infantil.

O Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil, publicado pelo Ministério da Educação, apresenta um avanço significativo na busca de metas para a educação das crianças em creches, pré-escolas e instituições semelhantes. Sendo uma leitura obrigatória para quem, direta ou indiretamente, esteja ligada a essa primeira etapa da Educação Básica, pois se trata de um documento que expressa claramente os princípios da Educação Infantil, que devem estar estreitamente ligados aos aspectos afetivos. Sendo assim, para se desenvolver, a criança precisa aprender com os outros, por meio dos vínculos afetivos que se estabelecem diariamente, pois segundo os PCN's (1998, pg 21) “a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas.” A Educação Infantil pode refletir de forma favorável no desenvolvimento da criança visando à qualidade de interações que serão representadas de forma positiva para o resto da vida, através da escola, família e sociedade, que irá visar o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões: física, social e intelectual e afetiva.

Segundo Wallon (1995, pg. 42) criança na pré- escola “[...] atribui a emoção como os sentimentos, desejos e manifestações da vida afetiva, demonstra os sentimentos como um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano.”.

As emoções, para Wallon, possuem um papel fundamental para o desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que a criança mostra seus desejos e suas vontades, enfatizando que a afetividade é um dos principais elementos para o desenvolvimento humano.

Por isso, podemos perceber que a afetividade e a cognição são inseparáveis, pois, de acordo com as ideias de Piaget (1968, pg. 104), “não existe estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem, comportamentos puramente cognitivos.” Nessa perspectiva, o papel da afetividade na Educação Infantil seria como

uma fonte de energia ou combustível que a cognição utilizaria para o funcionamento do desenvolvimento infantil.

Desse modo, as dimensões do afeto e da cognição estariam, desde cedo, íntima e dialeticamente relacionadas. Nessa perspectiva a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. O autor faz uma distinção entre emoções primitivas originais, como a alegria, o medo e a raiva, e as emoções “superiores” complexas, tais como o despeito e a melancolia. Ele postulava que as emoções primitivas originais poderiam desenvolver-se em emoções superiores mais sofisticadas.

De acordo com Vygotsky, a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem. Como se evidencia no trecho a seguir, o autor adota uma perspectiva desenvolvimentista e genética para explicar a vida emocional:

Não existem sentimentos que, por causa de privilégio de nascimento, pertencem à classe superior, e ao mesmo tempo outros, que por sua própria natureza, podem ser considerados entre a classe inferior. A única diferença é uma diferença em riqueza, e complexidade, e todas as nossas emoções são capazes de ascender todos os passos de nossa evolução sentimental. (VYGOTSKY apud van der VEER e VALSINER, 1996, p. 385).

Vygotsky conclui deste modo, que o sentimento não surge por si só em estado normal. É sempre antecedido desse ou daquele estímulo, dessa ou daquela causa, seja ela externa ou interna. Assim, o que nos faz ter medo ou sentir alegria é o estímulo de onde começa a resposta. Depois se seguem várias reações reflexas, motoras, somáticas e secretórias. Por último, a reação circular, ou seja, o retorno das próprias reações ao organismo como novos estímulos, a percepção da segunda ordem do campo proprioceptivo que representavam o que antes era denominado a própria emoção.

Piaget e Vygotsky definem e afirmam que a aprendizagem se dá paralela aos aspectos afetivos, de maneira que a afetividade será determinante para a construção da aprendizagem, e os pais e professores e a escola devem entender que possuem um papel importante nesse processo, que é colaborar para a formação de um ser humano, e isso somente acontecerá através do amor, do afeto, que se torna a chave para educação.

Na sala de aula de Educação Infantil o afeto é muito importante para que o profissional seja considerado um bom professor e mais ainda, para que a criança se sinta importante e valorizado. O professor deve entender seus sentimentos, buscar soluções para as diversas dificuldades que as crianças apresentam preocupar-se com a criança

por inteiro, tendo sensibilidade para entendê-los, buscar ações que os valorizem, independente de seu grau de desenvolvimento.

Nessa visão, a criança interioriza suas vivências, principalmente pelo contato social com outras pessoas. Sendo assim, se seu círculo social tratá-la com carinho, reconhecer seus direitos e se mostrar atencioso, a criança interiorizará um bem-estar emocional, sentindo-se protegida e segura de seu espaço dentro do grupo. Wallon (apud LA TAILLE, 1992), em sua teoria da emoção, considera a afetividade e inteligência fatores misturados e defende que a educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica. Esse estudioso analisou que no início da vida a afetividade se sobressai. Ele coloca grande importância na afetividade e reafirma sua teoria, ao dizer que:

Ela incorpora de fato as construções da inteligência, e, por conseguinte tende-se racionalizar. As formas adultas de afetividade, por esta razão, podem diferir enormemente das suas formas infantis. (DANTAS, apud, LA TAILLE, 1992, p. 90).

Sendo assim, podemos dizer que a afetividade na Educação Infantil contribui para o sucesso no processo de ensino-aprendizagem, pois tal concepção e a cognição são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciam pela socialização, através da escola, família e sociedade, sendo extremamente necessária para a formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. Ou seja, a afetividade na Educação Infantil tem o caráter de se preocupar com as crianças como ser sócio afetivo que ele é, reconhecendo-o como indivíduo autônomo, com direito a ter preferências e desejos diferentes uns dos outros.

Assim, concebemos a afetividade como um reconhecimento construído através das vivências, que se configura como dever da escola, do educador e da família, a tarefa de despertar na criança as suas múltiplas potencialidades.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa. Para obter os dados necessários para a realização do presente estudo, utilizou-se o tipo de pesquisa exploratória. A coleta de dados aconteceu através da aplicação de questionário com duas professoras de Educação Infantil, responsáveis pelas turmas de Jardim I e II da Creche Municipal Vania Figueredo localizada do bairro do Tambor, Campina Grande PB. As professoras concordaram em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O prédio da referida escola se encontra em uma área residencial e oferece o ensino Maternal e Infantil nos turnos manhã e tarde. Sua dependência administrativa é composta de uma sala de diretoria que serve também para as reuniões de professores e secretária. A creche Vania Figueredo é composta por quatro salas de aula, um dormitório para as crianças que ficam o dia todo na creche, uma cozinha, um refeitório, uma sala de informática, uma sala de recursos pedagógicos, e cinco banheiros. O corpo docente da escola é composto por oito Professoras todos com cursos superiores e também Orientadora Pedagógica, Supervisora, Psicóloga Assistente Social e Diretora. A instituição desenvolve trabalhos pedagógicos, supervisão e orientação.

O questionário (Apêndice A) aplicado contém perguntas abertas e fechadas com relação ao tema do trabalho em questão (Afetividade na Educação Infantil). Por fim, os dados obtidos foram analisados, com o objetivo de verificar as informações a relação entre a realidade empírica e os estudos que atuaram como eixo para fundamentação teórica.

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A presente pesquisa foi realizada com duas professoras de Educação Infantil, responsáveis pelas turmas de Jardim I e II da Creche Municipal Vania Figueredo localizada do bairro do Tambor, Campina Grande PB. Ambas são Pós- Graduada em Psicopedagogia e com experiências em Educação Infantil na rede pública com mais de dez anos no exercício do Magistério.

As mesmas perguntas foram feitas as para as professoras e ambas possuem opiniões parecidas a respeito do que seria uma educação infantil de qualidade e elas consideram um questão ampla e muito complexa, pois é preciso pensar na escola como todo desde a sua estrutura física até o currículo dos profissionais. Segundo elas para que uma instituição possua qualidade, deve-se considerar vários aspectos que estão diretamente ligados para o bom andamento da escola como, a equipe gestora, a formação dos professores que atuam na área, as propostas pedagógicas, o currículo, a infraestrutura, e a organização do espaço.

O segundo questionamento foi a respeito da afetividade, qual seria a opinião delas sobre a afetividade na prática pedagógica e mais uma vez elas concordam que a afetividade é de fundamental importância para a construção de “pontes”, confiança mútua que abre caminhos para a construção de uma aprendizagem mais significativa. Além de favorecer a inter-relação do professor com o grupo de alunos e com cada um individual deve ser constante, na sala, no pátio, nos passeios, sendo em função dessa proximidade afetiva que acontece a interação com os objetos e a construção de um conhecimento totalmente envolvente na construção da aprendizagem. Percebe se que as professoras reconhecem que o ensino não pode ser visto isolado do aspecto afetivo, pois no currículo deve ser assegurado ao aluno o desenvolvimento de habilidades inerentes tanto ao campo cognitivo quanto afetivo.

Um conceito da teoria de Wallon que tem influência na prática pedagógica é que a emoção estabelece uma relação imediata dos indivíduos entre si, independente de toda relação intelectual.

A propagação “epidêmica” das emoções, ao provocar um estado de comunhão e de uníssono, dilui as fronteiras entre os indivíduos, podendo levar a esforços e intenções em torno de um objetivo comum. Permitiria, assim, relações de solidariedade quando a cooperação não fosse possível por deficiência dos meios intelectuais ou por falta de consenso conceitual, contribuindo portanto,

para a constituição de um grupo e para as realizações coletivas. (WALLON, 1989, p.162).

Considerando este caráter unificador das emoções, no âmbito da prática pedagógica, torna-se fundamental o fortalecimento da afetividade na relação professor/aluno para que a aprendizagem se torne eficaz, favorecendo, assim, a autoestima, o diálogo e a socialização. Vale ressaltar que a afetividade também é importante no processo de avaliação, afastando eventuais riscos de antipatia entre professor e aluno. Tendo em vista estas questões as professoras ao serem questionadas sobre a relação afetiva de aluno e professor, como elas trabalham essa questão com seus alunos no dia a dia em sala de aula? Ambas acreditam que a afetividade precisa ser “construída” gradativamente, com respeito e dedicação, chegando junto da criança, conhecendo suas necessidades, despertando interesse em aprender com eles e descobrindo os melhores caminhos para atingir os objetivos desejados.

Perceber se as interações em sala de aula são construídas por várias formas de atuação, que se estabelece entre partes envolvidas, a mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, sua relação com os alunos, tudo faz parte do contexto.

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sócio cultural, pois pode-se afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações e relações entre sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Rubem Alves (2000) enfatiza que o professor, aquele que ensina com alegria, que ama sua profissão, não morre jamais. Ele diz: “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra . O professor, assim, não morre jamais...” (ALVES, 2000 p. 4).

Vygotsky (1996, p,78) afirma que a relação professor/aluno não deve ser uma relação de imposição, mas, sim de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um ser interativo e ativo no seu processo de construção do conhecimento. O professor por sua vez deverá assumir um papel fundamental nesse processo, como um sujeito mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar o que o aluno já sabe, pois sua bagagem cultural é muito importante para a construção da aprendizagem.

Observa-se que há concordância nos depoimentos das professoras com os autores Vygotsky e Rubens Alves no que se refere à importância de uma relação afetiva pautada no carinho e no respeito. Diante disso, não se pode pensar em afetividade,

educação de qualidade sem a colaboração da família. E quando pergunto sobre a opinião delas no que diz respeito a relação entre a família e a escola e o elas pensam como o afeto pode interferir na qualidade da aprendizagem dos alunos em sala de aula. Tanto uma professora quanto a outra concordam que o afeto é essencial para que as crianças consigam construir seus vínculos de confiança tanto na escola como também no “seio” da família. Esse vínculo de confiança deverá ajudar no seu desenvolvimento físico e intelectual e conseqüentemente poderá interferir diretamente na qualidade da aprendizagem em sala de aula.

Percebe-se assim, que o diálogo na relação família e escola é um indicador fundamental de qualidade da afetividade na educação infantil, por esses serem os contextos em que a criança transita diariamente, os locais onde ela forma suas amizades, seus vínculos afetivos, onde ela passa por dificuldades, seus problemas são resolvidos e onde se sente mais acolhida.

Logo conclui-se que a afetividade tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e também na relação professor-aluno e, com isso, traz resultados significativos na aquisição da aprendizagem.

Com base nos elementos expostos na pesquisa respondeu-se a algumas inquietações que foram norteadoras para a pesquisa, como: Qual é o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil? Como acontece a relação afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem na Educação Infantil?

Além de responder essas inquietações também conseguiu atingir os objetivos uma vez que se tornou perceptível que, para as professoras entrevistadas, corroborando com autores como Vygotsky, Wallon, Piaget, Rubem Alves, entre outros citados acima, a relação afetiva é um dos pontos fundamentais para que o aluno comece a confiar e perceber no professor alguém que pode contar.

Esta relação contribui para o surgimento de melhores condições para o ensino-aprendizagem da criança, visto que o afeto é um elemento fundamental para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, bem como para a autonomia e autoestima do aluno. A afetividade na sala de aula caracteriza a qualidade da prática pedagógica do professor. Esta influencia o modo como ele trata os alunos e desenvolve suas aulas, motivando-os e envolvendo-os cognitivamente e afetivamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados da pesquisa, percebe-se que a afetividade é fundamental para a vida humana e representa um dos aspectos mais significativos na construção de pessoas capazes de tomar decisões sábias e inteligentes. Principalmente, a importância que tem a afetividade na vida da criança e como essa relação vai influenciar não só na sua formação, mas em toda sua vida e nas tomadas de decisão que sem dúvida de é o mais importante na vida de um adulto equilibrado nas relações sócio afetivas.

Para Wallon (1975), a afetividade assume um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, pois, são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor.

Vygotsky também acredita que a motivação é a mola propulsora da busca pelo conhecimento. A partir do momento que o educador proporciona uma relação social de respeito, de cooperação a teoria defendida por Piaget, o processo de ensino/aprendizagem rompe a divisão entre cognição e afetividade, desmistificando a visão de relação maternal que se atribui aos aspectos afetivos, pois é possível aliar a disciplina, a metodologia, à emoção.

A conscientização do educador é fundamental, pois é ele o mediador, quem planeja as aulas e organiza os ambientes. Quando toma consciência de sua importância na formação do aluno, a promoção de espaços democráticos para a construção coletiva do conhecimento torna-se um processo natural e necessário.

Pode-se concluir que a importância do vínculo afetivo na relação professor-aluno no processo de aprendizagem da criança, onde o educador deve propiciar um ambiente agradável, seguro e amoroso para favorecer o processo de aprendizagem das crianças. Uma vez que na educação infantil, o educador é considerado um referencial para as crianças, pois passam boa parte do tempo com ele e com isso o educador tem que avaliar e reavaliar a sua prática pedagógica para não influenciar o aluno de modo negativo na sua trajetória acadêmica e pessoal acarretando bloqueios e traumas que podem acabar com os sonhos, desejos e realizações que o estudante vai ter no presente e no futuro.

O professor deve estimular o aluno para ter confiança e autoestima e valorizar os conhecimentos e as pequenas atitudes que o educando possa ter. Além disso, o educador

precisa criar situações pedagógicas que aproximem a família do “seio” da escola onde as crianças possam participar de atividades que desenvolvam e fortaleçam os laços afetivos com a família e também com os colegas e professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental Referencial Curricular para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 1998. (vol.13. Conhecimento de mundo).

BRASIL. ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei N° 8.069/90.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: NovaLDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9.394/96.

KRAMER, S. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. Em: BAZILIO, L. C.; KRAMER, S. Infância, educação e direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2003.

MACIEL, Ira Maria. Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação. Rio Janeiro: Editora Ciência, Moderna Ltda, 2010.

OLIVEIRA, Zilma R. de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

La Taille, Yves de 1951-. PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. Teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 14o ed. São Paulo: Summus, 1992.

WADSWORTH, B.J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1989.

VEER, R Vander; VALSINER, J. Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. Psicologia pedagógica. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

Disponível em:
<http://www.sedis.ufrn.br/treinamento/PROUCA/modulos/modulos/modulo_3/6994779Rubem-> AlvesAAlegriadeEnsinar.pdf. Acesso em 16 de Nov. de 2014.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO-

1. Identificação

II – Sexo: _____ II – Idade: _____

2. Formação

a. Magistério () Sim () Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia () Sim () Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: _____

c. Pós-Graduação () Sim () Não.

Área: _____

Ano de Conclusão: _____

d. Especialização () Sim () Não. Qual curso: _____ Ano de Conclusão: _____

d. Mestrado () Sim () Não. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

e. Outro:

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: _____

g. Turma com que trabalha atualmente: _____

h. Número de crianças: _____

i. Idade média das crianças: _____

j. Tem auxiliar: () Sim () Não

l. Escola: () Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa):

4. Expondo sua opinião sobre:

- O que seria uma educação infantil de qualidade?

- . E sobre afetividade, qual a sua opinião sobre a afetividade na prática pedagógica?

- . E essa relação afetiva de aluno e professor, como você trabalha isso com os seus alunos?

- E a relação entre família e escola, você acha que isso colabora para uma relação de qualidade entre família e escola, interferindo na afetividade na sala de aula?
Por que?